

Segmento: Unisinos

18/03/2017 | Jornal NH | Cidades | 31

Formatura

Após alguns anos de muito estudo, Luiza Daudt concluiu seu curso em Processos Gerenciais pela Unisinos. A colação de grau aconteceu no último dia 4 de março. Parabéns!

18/03/2017 | Jornal VS | Capa | 1

Livros a R\$ 10 chamam a atenção dos leitores

Página 4.

18/03/2017 | Jornal VS | Comunidade | 4

Feira literária tem volumes por R\$ 10

São Leopoldo - Você pode reclamar da falta de tempo, da baixa qualidade literária e até da pouca variedade das obras, mas o preço não é mais desculpa. Desde sábado passado, uma feira de livros no segundo andar do Bourbon Shopping de São Leopoldo oferece centenas de volumes por R\$ 10 — títulos infanto-juvenis dominam as prateleiras, mas também há literatura nacional.

No final de semana, o movimento foi intenso. "O valor chama a atenção do público. No sábado e no domingo, vendemos mais de 500 livros", revela Cassia Puchulú, uma das vendedoras que trabalha no local. Respeitando o horário comercial do estabelecimento, a feira atrai perfis diferentes durante o dia. "De manhã, vem a gurizada das escolas. De tarde, geralmente são as mães com os filhos."

Com previsão de encerramento no dia 4 de abril, a feira chama a atenção de quem visita o shopping para outras atividades. "Nós viemos almoçar, mas aí vimos a feirinha e resolvemos dar uma olhada," explica Tainá Gottschalk, 21 anos, acompanhada da amiga Stephanie Bilhão, 17. Alunas da Escola de Enfermagem da Paz, elas procuravam volumes de drama ou ficção científica. "Eu sempre gostei muito de ler e, por esse preço, tá valendo muito a pena", conta Tainá.

Já Daiana Xavier, 27 anos, foi atraída pela quantidade de livros infantis. "Eu passei aqui esses dias e vi a promoção. Hoje vim especialmente comprar para o meu filho", revela. Com dois livros em mãos, ela elogia a variedade de obras para o público infantil: "São muitos temas diferentes."

Leitura estimula aprendizado

A atitude de Daiana aprovada pela coordenadora do curso de Letras da Unisinos, Adila Beatriz Naud de Moura. Para a professora, estimular a criança à prática da leitura é fundamental. "Não é somente a leitura do alfabeto. A leitura diz respeito ao conhecimento do mundo, das imagens. Quando a criança está no processo de alfabetização, ela fica muito aberta para esse aprendizado", comenta.

Adila reforça que o ensino da gramática auxilia a aprendizagem, mas não é responsável, sozinho, pela construção de conhecimento. Por isso, o hábito da leitura precisa ser incentivado desde cedo. "A gramática está aí para ajudar, mas o trabalho de competência de leitura se dá pela atividade de leitura e escrita", explica a professora.

MERCADO EDITORIAL DO PAÍS BUSCA RETOMADA

O ano que passou foi negativo para o mercado editorial brasileiro. De acordo com levantamento do Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL), houve uma queda de 10,8% no volume de vendas em relação a 2015, e de 3,1% no faturamento total.

Para o presidente da SNEL, Marcos da Veiga Pereira, a queda reflete a retração econômica do país. Mas ele está otimista para 2017: "Apesar do resultado negativo, vale ressaltar a tendência à recuperação dos últimos quatro períodos, em que houve reversão da queda de vendas", analisa "Nossa esperança é que em 2017 o número de exemplares vendidos permaneça minimamente estável dentro de um cenário ainda difícil da economia brasileira."

18/03/2017 | Zero Hora | Caderno Campo & Lavoura | 8

O que o azeite gaúcho tem?

A produção de oliveiras no Rio Grande do Sul foi além do interesse de investidores e chegou até a universidade. A Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA) e a Unisinos, por meio do ITT Nutrifor, criaram uma linha de pesquisa em 2013 para estudar o azeite do Rio Grande do Sul, desde a composição até a harmonização.

E a avaliação da nutricionista e professora de gastronomia Isabel Kasper Machado é de que a produção no Estado começou muito bem:

– As pessoas que estão produzindo estão estudando muito e obtendo um azeite de bastante qualidade. Estamos no começo, mas com o pé direito.

Para ser considerado azeite de oliva só pode ter oliva na composição. Isabel conta que tem sido produzido no Rio Grande do Sul o extravirgem. Para ser assim classificado, precisa ser feito por métodos mecânicos, ter acidez inferior a 0,8 e nenhum defeito sensorial.

A harmonização vai depender dos varietais. Um azeite koroneiki, por exemplo, tem sabor mais intenso, de características frutadas. E pede uma comida de preparação mais marcante, que consiga acompanhar.

– Diferentemente do vinho, a harmonização do azeite é simultânea – observa a professora.

E há possibilidades além da oliva. O grupo está fazendo estudos com a folha, que é rica em polifenóis. É possível fazer farinha a partir dessa folha, por exemplo.

O potencial está aí e a pesquisa acompanha de perto como o nosso produto está se desenvolvendo.

18/03/2017 | Zero Hora | Marta Sfredo | 22

Reforço ao polo de educação

Mais do que o visual do campus Porto Alegre da Unisinos, o que impressiona são os pilares conceituais e a rapidez da obra. Nesta segunda-feira, começam as aulas no projeto de R\$ 250 milhões, bancados pela mantenedora, a Associação Antônio Vieira. As duas áreas que complementam o projeto, o mall Espaço Unisinos e o teatro, ficam prontas no segundo semestre. A integração de espaços de aprendizado, convivência e inovação tem inspiração em Boston, Cambridge e Washington.

Um polo de excelência

Diretor-geral do campus, Cristiano Richter conta que a mantenedora bancou o projeto com a convicção de que “esta não é uma era de muitas mudanças, mas uma mudança de era”, com conhecimento compartilhado, menos hierarquia e mais trocas. A ideia é reforçar um polo de excelência de educação na Região Metropolitana, que mira o de Boston e Cambridge.

PROJETO OUSADO

Da concepção à conclusão da área de ensino, foram quatro anos e meio. De obras, 22 meses. Richter atribui a rapidez à governança, que acompanhou cada fase do projeto. O financiamento de Itaú e Santander foi estruturado com carência longa. A intenção é quitar na medida que o campus chegar a 8 mil alunos, em 10 anos. Áreas de convivência no mall e na ‘torre educacional’ partem do princípio de que conhecimento pode ser trocado em cafés e em conversas informais, como em Boston.

Salas sem Padrão

Têm mesas e cadeiras com rodinhas e três paredes de “quadros brancos”, áudio, vídeo e wireless. A intenção, diz Richter, é que nenhuma fique igual à outra. Há 35 graduações, pós, formação executiva, mestrados e doutorados em contabilidade, finanças, economia e design. No oitavo andar, quatro salas são divisíveis em quatro, para conferências acadêmicas e empresariais.

18/03/2017 | Zero Hora | Contracapa | 56

Marta Sfredo

Projeto de R\$ 250 milhões, campus da Unisinos na Capital quer refletir mudança de era. Página 22.

Segmento: Outras Universidades

18/03/2017 | Correio do Povo | Indicadores Econômicos | 10

Vagas para brasileiros

Estudantes brasileiros podem fazer graduação em Portugal utilizando a nota do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). A oportunidade resulta da parceria entre o Instituto Politécnico de Leiria (em Portugal) e o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais do MEC (no Brasil). Isabel Maria de Sousa Henriques Beato, do Gabinete Internacional do Instituto, expôs, nesta semana, na Capital, o trabalho do Politécnico de Leiria, no Salão do Estudante, na PUCRS. Ela explicou que, com a nota do Enem, alunos brasileiros podem ingressar no Instituto, seja em graduação ou pós (mestrado).

“O estudante precisa ter Ensino Médio completo e apresentar a nota do Enem. Assim, pode estudar em uma das cinco faculdades do Instituto Politécnico.” Isabel disse que o perfil do Politécnico é muito mais prático do que teórico, com cursos voltados ao mercado de trabalho. “Os acadêmicos podem concluir a graduação de três anos em Portugal e depois validar o diploma no Brasil”, afirmou. Atualmente, o Instituto tem cerca de mil estudantes, de 60 nacionalidades diferentes, matriculados. Um dos alunos do Politécnico Leiria foi o jornalista André Haar, que atestou a viabilidade e menores custos com estudos em Portugal. “O custo de vida também é menor que aqui. Vale muito a pena.”

18/03/2017 | Correio do Povo | Geral | 16

25 músicos são demitidos

Vinte e cinco músicos foram desligados da Orquestra Filarmônica da PUCRS após retornarem do período de férias. Segundo a universidade, recentemente houve uma organização artística e cultural, com a criação do Instituto de Cultura e Desenvolvimento Cultural. Conforme a PUCRS, a mudança ocorreu devido a uma extensa análise que indicou a necessidade de repensar os projetos.

18/03/2017 | Jornal NH | Geral | 4

Agenda - Feira na Feevale

Na terça e quarta-feira, dias 21 e 22, a Universidade Feevale realizará a Feira dos Empreendedores Solidários e Artesãos e Artes de Novo Hamburgo. Será das 9 e 21 horas, na Rua Coberta do câmpus 2 (RS-239, 2755, Novo Hamburgo). Acadêmicos, professores e comunidade estão convidados.

18/03/2017 | Zero Hora | Túlio Milman | 2

De ponta

O Programa de Cirurgia de Epilepsia do Hospital São Lucas da PUCRS e a Universidade de Exeter, na Inglaterra, estão juntos para melhorar o diagnóstico e tratamento de pacientes com epilepsia.

Os ingleses estarão em Porto Alegre para o seminário Epileptogenic neural networks: From computer to patient, no dia 17 de março.

18/03/2017 | Zero Hora | Notícias | 12

Diante da fraude, como se proteger

APESAR DO ESQUEMA da carne, veterinário e Procon dizem que selos de inspeção são necessários na hora de escolher o produto

Horas depois de deflagrada, a operação da Polícia Federal colocou em xeque a qualidade dos produtos vendidos por indústrias do setor de carnes no país e deixou os consumidores sem saber o que fazer na hora de ir às compras. Com a informação de que selos de qualidade são carimbados em produtos adulterados, de que datas de validade foram modificadas e de que agentes de inspeção fechavam os olhos para questões de higiene e segurança alimentar, o receio frente aos produtos aumentou.

Especialistas afirmam que selos de qualidade ainda são os melhores indicativos de segurança dos alimentos, e são eles que devem guiar os consumidores na hora de escolher o que comprar.

– Temos sistemas de inspeção muito seguros, reconhecidos internacionalmente pela rigidez. Neste caso, estamos diante de uma fraude, de um crime, que não desqualifica o sistema como um todo – explica Rodrigo Lorenzoni, presidente do Conselho Regional de Medicina Veterinária do Estado (CRMV-RS).

De acordo com o veterinário, os produtos de origem animal podem conter um dos três selos: o SIM, que é carimbo de inspeção municipal – e cujo selo permite que o produto circule só no município que forneceu a certificação –; o Cispoa, que é estadual e permite circulação somente no Estado que o concedeu; ou o SIF, que é do Serviço de Inspeção Federal e libera a comercialização dos produtos em todo território nacional e no Exterior.

– É uma fraude localizada nas grandes empresas, são marcas que recebem o selo de inspeção federal (SIF) que estão sob suspeita. O consumidor pode optar por comprar carnes com os outros selos, de produtos de circulação mais regional, cujas companhias não estão envolvidas na operação – explica Lorenzoni.

É o que defende também a diretora- executiva do Procon Municipal de Porto Alegre, Sophia Martini Vial. Para a especialista em direito do consumidor, enquanto os lotes de mercadorias fraudulentas não são divulgados, as pessoas precisam ficar atentas.

– Esses alimentos (irregulares) podem causar risco grave à saúde do consumidor, e por isso é preciso ficar de olho. O Procon municipal ainda não recebeu reclamação sobre efeitos colaterais após consumir esses alimentos, mas como envolve empresas de enorme representação no país, elas também estão muito presentes no mercado gaúcho – explica.

É PRECISO FICAR ATENTO AINDA A CONDIÇÕES DE ARMAZENAMENTO

Além da certificação de qualidade concedida pelo órgão público, Lorenzoni recomenda que o consumidor fique atento a outras questões ao escolher o produto, como o aspecto da carne, a temperatura do local onde está armazenada e a qualidade do estabelecimento que comercializa os alimentos:

– A cor da carne é indicativo de qualidade. Se está mais escura ou esverdeada, indica que está em processo de decomposição, ou seja, que já passou do período adequado para a comercialização. Na hora de comprar, é preciso ver também se o balcão onde está a carne é refrigerado, pois é o que conserva o produto.

Lorenzoni sugere ainda que o consumidor verifique se o local onde compra a carne tem um veterinário como responsável técnico pela área de produtos de origem animal, pois é ele o responsável por controlar a qualidade do que chega ao estabelecimento, assim como a conservação do ponto de venda.

Para pessoas que tiveram algum efeito colateral (infecção alimentar, dermatite, entre outros) pela ingestão dos alimentos das marcas envolvidas na operação – como a BRF, que controla marcas como Sadia e Perdigão, e a JBS, que detém Friboi, Seara e Swift –, a recomendação de Sophia Vial é fazer o registro no Procon pessoalmente ou pela internet. O consumidor ainda pode demandar judicialmente a empresa, alegando dano moral ou material, em caso de despesas médicas, por exemplo, diz Sophia.

ATENÇÃO REDOBRADA

1 Não existe milagre. Se na mesma cidade um corte de carne igual custa 50% mais barato em um estabelecimento do que no outro, desconfie da procedência.

2 Não dá para comprar pela beleza e pelo preço do produto. Avalie condições de armazenamento e higiene das prateleiras. Leia o rótulo e verifique sempre a validade.

3 Principalmente nos mercados de bairro, que são os que costumam ter menos fiscalização, pergunte a procedência da carne. Se vem embalada, verifique o CNPJ do abatedouro.

4 Não compre mercadorias no meio da rua e na beira da estrada. Produtos coloniais e artesanais, se não são bem armazenados, oferecem riscos.

5 Ao identificar problemas em um produto, comunique o supermercado e a empresa. Dependendo da gravidade, acione a vigilância sanitária da sua cidade. A denúncia do consumidor se faz cada vez mais importante.

Trapaças cada vez mais sofisticadas

Problemas na fabricação do leite e do queijo, dúvida sobre a qualidade da água, excesso de agrotóxicos em hortifrúteis. Não bastasse isso, agora descobrem-se problemas na carne. A questão gera dúvidas sobre a confiabilidade dos alimentos que consumimos todos os dias.

Como ter certeza de que o produto que chega a nossa mesa é de qualidade? Especialistas em segurança alimentar ouvidos por ZH apontam que não há como assegurar resposta a essa pergunta.

– A gente não pode dizer que está 100% seguro sobre nada do que comeu hoje. Nem com a água temos essa certeza. Não temos garantia de nada – afirma o engenheiro químico e professor de toxicologia de alimentos da PUCRS, Claudio Luis Frankemberg.

FALTA DE ORIENTAÇÃO E LEGISLAÇÃO MUITO BRANDA

Ele ressalta que fraudes e alteração em alimentos sempre ocorreram, mas que a partir de 2013, quando foi deflagrada a primeira operação envolvendo a produção de leite, houve grande preocupação da população. Dois fatores, segundo Frankemberg, abrem portas para o problema: os fraudadores, querendo buscar alternativa para ganhar mais, e a dificuldade de controle e fiscalização por parte dos agentes públicos.

Ao longo do tempo, as fraudes ficaram mais sofisticadas e mais difíceis de serem detectadas na leitura do professor doutor de microbiologia de alimentos da UFRGS Eduardo César Tondo. No passado, a fraude era feita pelo produtor sem recursos e sem conhecimento, que precisava ganhar mais para sustentar a família. Hoje, existe conivência de profissionais que entendem da

produção de alimentos e que estão em grandes e pequenas empresas.

A coordenadora do Centro de Apoio e Defesa do Consumidor do Ministério Público Estadual, promotora de Justiça Caroline Vaz, acredita que a falta de orientação técnica para o produtor também agrava o problema:

– Nos quadros públicos, faltam pessoas preparadas para orientação dos produtores para fazer essa fiscalização permanente que a lei determina.

Para o titular da Delegacia Especializada de Defesa do Consumidor, Saúde Pública e Propriedade Imaterial (Decon), delegado Rafael Liedtke, a legislação que prevê a punição para esses crimes não inibe novas fraudes. Pelo contrário, acaba ensejando sensação de impunidade:

– Infelizmente, no Brasil, as pessoas não ficam presas nestes casos. A pena máxima é de cinco anos de detenção e, normalmente, responde-se ao processo em liberdade.

OUTRAS OPERAÇÕES ENVOLVENDO ALIMENTOS NO RIO GRANDE DO SUL

Leite compensado

A primeira fase da operação ocorreu em 8 de maio de 2013 em Ibirubá, no noroeste da Estado. O Ministério Público identificou que transportadores misturavam água e ureia para o leite render mais. Há alguns dias, foi deflagrada a 12ª fase onde se verificou a adição de soda cáustica e água ao produto.

Queijo compensado

Em 16 de junho de 2015, o MP realizou operação que apontou que indústria de Três de Maio, no Noroeste, usava amido de milho para fazer o queijo render mais, o que tomava o produto farelento e sem cremosidade. Na 3ª fase da investigação, em 2 de junho do ano passado, foi identificado queijo contaminado com coliformes fecais.

GOTA D'ÁGUA

Água mineral com bactérias e coliformes fecais foi vendida em larga escala, segundo o MP escancarou em 23 de junho 2016 na operação Gota D'Água, realizada em Lajeado, Progresso e Porto Alegre.

PERIGO NO PRATO

Publicada em dezembro de 2016, série de reportagens do Grupo de Investigação do Grupo RBS (GDI) testou em laboratório cinco tipos de hortaliças vendidos na Ceasa e comprovou que 40% das amostras tinham agrotóxicos acima do permitido ou proibidos para a cultura.

Onde denunciar

Procon RS

Fone: (51)3287-6200

Atendimento: de segunda a sexta-feira, das 10h às 16h.

Apenas para consumidores que não têm órgão de defesa em sua cidade.

Anvisa

Contato: 0800 642 9782

Atendimento: de segunda a sexta-feira, das 7h30min às 19h30min.

Segmento: Interesse

Estudantes devem ter acesso à prova até 10/4

Para fins pedagógicos, os candidatos poderão conferir detalhes da correção da Redação, mas não cabe recurso

Os mais de 6 milhões de candidatos que fizeram o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) em 2016 deverão ter acesso ao espelho de correção da Redação até o dia 10/4. A previsão foi divulgada ontem pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep/MEC). No espelho, os candidatos terão acesso à correção e saberão quanto tiraram em cada uma das competências avaliadas. As provas recebem nota de zero a 1 mil. Desde o dia 18/1, os candidatos já têm acesso à nota na prova. Agora, para fins pedagógicos, terão acesso a detalhes da correção.

Pelas regras do Exame, não cabem recursos. Os temas foram “Caminhos para combater a intolerância religiosa no Brasil” (provas nos dias 5 e 6/11); e “Caminhos para combater o racismo no Brasil” (dias 3 e 4/12). As provas ocorreram em datas diferentes, devido a ocupações de escolas e universidades. Segundo o Ministério da Educação (MEC), apenas 77 participantes obtiveram nota 1 mil. Na outra ponta, 291.806 candidatos tiraram nota zero ou tiveram a Redação anulada. As redações são avaliadas por dois corretores independentes. Caso haja muita divergência entre as notas, é realizada uma terceira correção.

TREINEIROS

- Os candidatos que ainda não concluíram o Ensino Médio (treineiros) terão acesso às notas do Enem a partir da meia-noite de segunda-feira (20/3), na Página do Participante: <http://enem.inep.gov.br/participante/#/inicial>. Já as notas dos demais candidatos foram divulgadas no dia 18/1.
- Os treineiros têm o resultado divulgado depois, para que não possam participar dos processos seletivos às vagas no Ensino Superior público, como o Sistema de Seleção Unificada; e bolsas em instituições privadas, pelo Programa Universidade para Todos.
- As vagas no Ensino Superior via Enem são voltadas apenas aos que concluíram o Ensino Médio.
- Em 2016, foram 1.344.060 treineiros inscritos (16% do total).

18/03/2017 | Zero Hora | DOC | 8

Um passo de cada vez

~~MICHEL, JAILSON E LEONIR CAMINHARAM SOZINHOS DEPOIS DE RECEBEREM EQUIPAMENTOS PRODUZIDOS PELA MAIOR OFICINA DE ORTESES E PROTESES DO RIO GRANDE DO SUL, LOCALIZADA NA AACD/RS, EM PORTO ALEGRE~~

Em silêncio, esparramado no colchão do salão de fisioterapia da Associação de Assistência à Criança Deficiente (AACD), em Porto Alegre, Michel Mendes da Silva, cinco anos, manteve os olhos atentos às pernas franzidas, espremidas entre quatro hastes de metal, enquanto elas eram enlaçadas com fitas de velcro pela fisioterapeuta. Portador de mielomeningocele, uma malformação na coluna que sempre o impediu de ter forças nos membros inferiores, o menino vive preso a uma cadeira de rodas. Com o auxílio do tutor órtese para mantê-lo firme da cintura para baixo, produzida pela oficina ortopédica da AACD, ele estava prestes a seguir numa jornada rumo ao desconhecido a partir daquela data, 11 de janeiro deste ano.

Concluídos os 15 minutos da etapa de colocação do aparelho recomendado pelos médicos, para tentar amenizar o caso congênito, Michel esboçou uma euforia até então jamais vista pelos pais, a dona de casa Julia Graciela Mendes, 34 anos, e o azulejista Hebert Wagner da Silva, 33, moradores da Vila São Borja, na zona norte da Capital. Sozinho, o pequeno gargalhou ao ficar em pé pela primeira vez:

– Olha, mamãe! Eu tô gigante!

Nas primeiras passadas, ainda apoiado na fisioterapeuta, Michel ouviu palavras de incentivo vindas dos pais, que assistiram de longe ao desafio do menino. A força para movimentar as pernas era tanta que fazia saltar a veia do pescoço. Enquanto segurava nas barras do corredor propício para a prática, ele não parava de olhar para os lados, orgulhoso. Outros pacientes e técnicos presentes no salão vibraram. A movimentação seguiu por quase 20 minutos. Mesmo cansado, ele quis permanecer em pé para jogar bola com o pai. Por jamais ter caminhado, o menino depositou nos braços toda a energia da infância. Tem mira e força suficientes para os toques, seja

jogando vôlei ou basquete. Foram quase 40 minutos na nova posição.

– A gente se emocionou muito porque não esperava vê-lo assim. É uma nova e grande etapa – afirma o pai, sem desgrudar do celular responsável por registrar cada instante de Michel.

– Ele acha que cresce em pé. Ficou muito feliz – completa a mãe, enquanto enxuga os olhos marejados.

Acompanhado pelas equipes técnicas da AACD/RS desde antes de completar um ano, Michel é um dos mais 77 mil pacientes gaúchos que, em 16 anos de existência da entidade em Porto Alegre, receberam aparelhos produzidos pela fábrica ortopédica, considerada a maior de órteses e próteses no Estado. Cerca de 80% destes equipamentos foram distribuídos a pacientes do Sistema Único de Saúde (SUS), que, assim como os pais de Michel, não teriam condições de comprá-los.

– Aqui é uma fábrica, mas acabamos produzindo sonhos, produzindo vida. As pessoas querem seguir, ter um pouco mais de mobilidade e mais conforto – sintetiza o coordenador da oficina, Juliano do Nascimento.

Por mês, cerca de 500 equipamentos são confeccionados sob medida no local. Órteses, como a de Michel, representam mais de 50% das encomendas. Sobre as prateleiras distribuídas ao longo da sala, as pernas de metal e os pés de fibra de carbono e de madeira dividem o mesmo espaço com o gesso que servirá de futuro molde. Todos ficam identificados com os nomes dos clientes.

O paciente pode ser encaminhado à oficina de três formas: via SUS, regulado pelos órgãos de saúde de Porto Alegre e do Estado, por convênio com a Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc) ou pagando. Ao contrário de quem depende do poder público, o paciente particular tem uma gama maior de equipamentos à disposição, mas deve ter disposição financeira para desembolsar, por exemplo, mais de R\$ 30 mil numa prótese de perna inteira, feita em fibra de carbono e joelho pneumático – garantia de mais liberdade e controle. Uma perna produzida no valor da tabela do SUS é 10 vezes mais barata, mas não oferece articulação, o joelho é mecânico – sem regulação – e o pé tem base de madeira.

Adeus às lágrimas

O peso do pé fornecido pelo SUS foi o que menos importou para a técnica em nutrição Leonir de Souza Dias Medeiros, 55 anos, do bairro Bom Fim Velho, em Guaíba, quando soube que receberia uma prótese, no final de fevereiro deste ano. Há 14 meses, depois de lutar por mais de uma década contra problemas de circulação, Leonir teve a perna amputada a partir da tíbia direita. Antes, enfrentou a própria negação. Não permitia se imaginar sem uma das pernas, justamente as partes que sempre admirou no próprio corpo. Pensou, inclusive, em desistir de viver.

– Entrei em depressão quando me disseram. Carreguei um peso enorme. Me isolei – recorda.

Sem permitir a cirurgia, Leonir ficou internada por três meses. Preferia “morrer inteira” a “viver cortada”, insistia. Com a perna gangrenando, enquanto a depressão aumentava, o destino seria traçado como ela desejava. Nem mesmo as presenças constantes do marido, Antônio Roberto Medeiros, 62 anos, com quem é casada há quatro décadas, e dos quatro filhos e cinco netos pareciam suficientes para dissipar a tristeza profunda. No dia em que Leonir havia decidido não abrir mais os olhos até o fim, o silêncio no quarto foi quebrado pelo filho mais novo, Andrews Douglas Medeiros, 26 anos. Ela relembra, comovida:

– Ele chegou no meu ouvido e disse: “Olha tudo o que passei e veja a força que tenho hoje, mãe. Quando eu estava morrendo, vivi por você. Agora, chegou a tua vez de viver por nós”. Comecei a lembrar de tudo o que passei com ele e algo mudou. Precisava voltar à vida. Na mesma hora, permiti a cirurgia.

Quando cochichou no ouvido da mãe, Andrews Douglas sabia o que falava. Há quatro anos, foi desenganado pelos médicos depois de sofrer um acidente de carro, passar por seis complexas cirurgias e ficar dois meses internado na UTI. Atleta, ele viveu os três anos seguintes usando uma sonda na bexiga. Foi a força de Leonir que o manteve confiante.

– Minha mãe era uma fortaleza antes de saber da amputação. De uma hora para outra, desapareceu. Foi preciso um choque para que ela voltasse a querer viver. Ela é nosso pilar – diz o filho, orgulhoso de ter ajudado no momento mais importante.

O retorno de Leonir para casa ocorreu na véspera da chegada de 2016. Mas a festa se tornou mais uma etapa de superação. Ao se levantar de repente, Leonir esqueceu o pé que faltava e caiu. Foi o suficiente para quase dois meses de internação, até se recuperar por completo.

– Ainda no hospital, decidi em pensamento que aquelas seriam as últimas lágrimas de tristeza que derramaria. Quando cruzasse aquela porta, só voltaria a chorar de alegria – recorda.

Em agosto de 2016, Leonir foi encaminhada à AACD para fazer fisioterapia e participar do grupo de amputados – uma espécie de tratamento em equipe, onde cada um fala sobre as experiências depois da amputação.

– No lugar de reclamar, passei a agradecer por ter vivido 50 anos com as minhas duas pernas e comecei a desejar uma prótese. A gente não pode parar – afirma.

No início deste ano, ela soube pelo SUS que seria contemplada com a prótese da oficina da AACD. Foram 40 dias até receber o aparelho que deverá lhe dar estabilidade, em breve, para caminhar sem o amparo das muletas. A perna nova veio na véspera do Carnaval, mas a estreia para a família só ocorreu no início deste mês, quando Leonir preparou o que chamou de “almoço da novidade”, com filhos e netos.

– Ô, Gustavo! Vem ver a perna nova da avó! – gritou a filha Taís Veridiani, 38 anos, chamando o filho de seis anos.

Sentados na sala da casa de Leonir, o marido, Antônio, os filhos Taís, Douglas e Viviane Kaissi, 28 anos, e as netas Kerollyn Victória, quatro anos, filha de Viviane, e Emilly, sete anos, filha de Andrews, aguardavam ansiosos a preparação da matriarca. Fazia 35°C na rua, temperatura que se elevava dentro da casa de madeira, e o ventilador de teto não foi capaz de evitar o suor no rosto. O calor, aliado ao nervosismo, a fez transpirar além do normal e ainda causou inchaço no coto da perna. Sozinha no quarto, Leonir quis colocar a prótese sem auxílio. Não conseguiu. Foi preciso a fotógrafa Camila Domingues, que registrava o momento, auxiliar.

Quando se posicionou em frente à família, Leonir viu olhos arregalados e sorrisos contidos. Em pé, ainda apoiada por muletas porque a prótese não havia encaixado corretamente, ela tentou arriscar passos de samba. Em seguida, longos abraços felicitaram a mãe pela conquista.

– Viu, não vai precisar se desfazer dos calçados – lembrou Viviane.

– Agora, vamos dar uma banda por aí, mãe – comemorou Andrews.

– A partir de agora, a vida vai te presentear com muitas coisas boas – reforçou Antônio.

– Calma, véio, tudo no tempo certo – ressaltou Leonir. – O bom é que já posso pegar a minha neta no colo! – exclamou, olhando a serelepe Kerollyn, que não titubeou em acocar-se na frente da avó para tocar na perna mecânica.

– Não, vó. Vamos brincar de ciranda-cirandinha! – respondeu a menina, enquanto se levantava rapidamente e a puxava pelas mãos, cantarolando.

Processo de adaptação

Domar a ansiedade, sem frustrar as expectativas, é um dos desafios da AACD, diz o fisiatra e gerente médico da entidade, Thiago Calcagnotto Farina.

– O tempo é variável, e as expectativas precisam ser controladas. Tudo dependerá da motivação do paciente. Nós oferecemos o sonho, mas é preciso manter-se no chão porque nem sempre se consegue tudo o que foi planejado. Não é tão simples assim – aponta Farina.

As etapas do processo de adaptação dependem da análise na triagem inicial. Por mês, a AACD recebe cem novas histórias para avaliação. São atendidos casos de lesão medular, lesão encefálica adquirida (traumatismo craniano, AVC, meningite e tumor

cerebral), poliomielite, paralisia cerebral e mielomeningocele. A reabilitação passa por atividades que podem parecer simples para quem não tem alterações físicas, mas que se tornam fundamentais aos que procuram a AACD. Aprender a se vestir sozinho, sair da cadeira de rodas para o sofá, tomar banho sem auxílio são situações ensinadas a amputados ou não.

– Cada um recebe o plano de tratamento que pode contemplar assistência social, fisioterapia, fonoaudiologia, psicoterapia, terapia ocupacional, musicoterapia, entre outras atividades. Mensalmente, nos reunimos para avaliar cada situação – explica Farina.

Por mês, são realizados 7 mil atendimentos. Ao longo de 16 anos, foram mais de 1,8 milhão. Hoje, a AACD conta com 113 funcionários e 96 voluntários em diferentes áreas. A entidade atende 37 municípios via SUS, e a oficina ortopédica é uma das áreas mais procuradas.

– A avaliação clínica descreve o produto para ser fabricado na oficina ortopédica. Então, ele é apresentado ao técnico que fará o molde, a cópia do membro amputado ou que já existe. A partir dali, inicia-se o que chamo de casamento: a pessoa acaba criando um vínculo muito forte com a AACD – relata o coordenador da oficina ortopédica.

O enlace com a entidade ocorreu ao natural, há quatro anos, para o empresário aposentado Jailson Martins Pereira, 67 anos, da Capital. Desde a perda da perna esquerda, causada pelo diabetes, ele frequentou diferentes atividades na AACD. Previa receber uma prótese em seis meses. Porém, o prazo se prolongou devido à demora na cicatrização do corte e, principalmente, a um erro no sistema de cadastramento do SUS. Ele conta:

– Já fazia meses que havia passado o prazo e não me chamavam. Precisei recomeçar todo o processo porque no meu posto de saúde não tinham me cadastrado para receber a prótese. Foi uma luta.

Não desistir é o lema de vida de Jailson, que, antes da amputação, travou batalhas contra o diabetes. Em 2002, retirou o rim esquerdo. Na época, gastou todas as economias da família – inclusive, vendeu a própria empresa da área de mecânica – para custear o tratamento. Em 2011, passou por cinco pontes de safena. Um ano depois, perdeu 80% da visão do olho direito e fez transplante do outro rim. Em seguida, veio a amputação e o problema para ter a prótese. Nada que fosse capaz de lhe tirar o bom humor.

– Fui criado solto, livre. De repente, me colocaram na gaiola. Virei passarinho de asa quebrada. Mas, apesar de todas as dificuldades, não parei de viver. Sonhava com o dia em que voltaria a caminhar sem apoio – afirma o aposentado, que é casado há 32 anos e pai de dois filhos.

Em 24 de janeiro deste ano, na data programada para testar a perna nova, Jailson entrou na oficina com mais de 30 minutos de antecedência. Tentava conter a ansiedade enquanto cumprimentava um a um os funcionários que passavam pela cadeira de rodas conduzida por ele. Ao ser chamado na sala de testes, girou as rodas com força e foi no embalo.

– O senhor lembra como coloca? – perguntou o técnico ortopédico Dihonatan Machado Batista.

– Acho que sim. Primeiro, você vai colocar o pano para eliminar o vácuo no encaixe da prótese. Depois, retira o pano e o coto ficará grudado pelo vácuo – Jailson havia decorado.

Feita a técnica, o aposentado experimentou tocar o novo pé no chão sem as mãos na barra.

– O pé está torto – apontou.

– Ficou um centímetro mais alto porque o calçado é outro. Vou ajeitar com a chave de fenda – respondeu o técnico. – O senhor sabe que precisa seguir a linha imaginária no chão na hora de abrir a perna para o passo. Vai lhe dar mais estabilidade – ensinou Dihonatan.

– Vou poder dobrar o joelho! – comemorou. – Daqui para a frente, é tudo comigo!

Passado mais de um mês, Jailson parou de usar a prótese por 10 dias devido ao calor que sentia na região do coto – local onde começa a amputação. Foram 10 dias sem caminhar com o equipamento, um atraso no processo.

– Cada passo é uma conquista. Não vou dar murro em ponta de faca nesta fase da vida. Vou com calma – justificou.

E é justamente calma que falta ao sempre animado Michel. Nem a limitação de movimentos da cintura para baixo impede as brincadeiras do guri que mais recebe beijos e abraços ao passar pelos corredores da AACD – quando conseguem pará-lo na cadeira, que parece ter rodas turbinadas.

– Ele se sente forte e independente sobre a cadeira. Por isso, talvez, esteja sendo mais difícil se adaptar ao tutor – acredita a mãe, Julia.

A força de Michel vem desde o difícil parto de cesariana que não pôde ser acompanhado pelos pais – uma cortina foi colocada sobre Julia, e Hebert ficou ao lado dela. A descoberta tardia da mielomeningocele, aos oito meses de gravidez, fez o casal correr contra o tempo para entender a situação que enfrentaria logo depois do nascimento do primeiro filho.

Hebert rememora a tensão pós-parto, quando as enfermeiras enrolaram o bebê como se quisessem escondê-lo, não deixaram a mãe abraçá-lo e passaram pelo casal sem mostrá-lo.

– Saíram com ele em silêncio. Elas (as enfermeiras) me chamaram numa outra sala. Me apavorei quando eu o vi. O Michel nasceu com uma perninha para um lado e a outra para o outro, vinham até a barriga e com os pés para trás. O pior foi ver a coluna aberta. Me apavorei. Foi terrível não contar nada para a minha mulher – relembra Hebert.

Para evitar uma possível depressão pós-parto, os médicos não deixaram Julia ver o filho logo ao nascer. Nos primeiros três dias, Hebert o fotografava do peito para cima e levava as imagens até a mulher ainda internada. Tomava o cuidado para ela não perceber a situação do menino. Julia só pôde abraçar Michel depois da primeira cirurgia para fechar o buraco na coluna.

Com 30 dias de vida, o bebê já havia acumulado três procedimentos corretivos. Devido à mielomeningocele, ele desenvolveu hidrocefalia – um acúmulo excessivo de líquido dentro do crânio. Por isso, precisou colocar uma válvula – um sistema de drenagem – no cérebro.

Nos primeiros três anos, Michel conviveu quase o tempo inteiro com gesso da cintura para baixo, necessário para moldar o corpo. As fotos do álbum de família mostram um bebê sorridente, mas sempre envolto na manta branca, parecendo acimentada, que o imobilizava, pernas retas. Hebert recorda que, enquanto crescia, o menino notava que tinha força nos braços, passando a usá-los com mais frequência.

– Com cerca de um ano e meio, começou a socar o gessinho. Parece que sabia que aquilo não pertencia a ele. De uma hora para outra, passou a engatinhar só com as mãos, arrastando as perninhas. Não precisamos ensinar nada – conta o pai.

Julia esteve presente o tempo inteiro, enquanto Hebert trabalhava. Ainda mais após Michel começar a frequentar a AACD, com sessões diárias em diferentes terapias. A mãe abdicou do trabalho para se dedicar 24 horas à recuperação do filho. A mielo também afetou a sensibilidade do sistema nervoso autônomo, o que prejudica o funcionamento da bexiga, por exemplo. Por isso, ele precisa de sondagem a cada quatro horas.

– Não é fácil, mas o Michel tem uma força que acaba carregando todos nós – comenta a mãe.

Em casa, o menino ultrapassa as limitações motoras. Para conduzir a motoca, por exemplo, ele usa as mãos. As bolas de vôlei e de basquete são as favoritas: gosta de arremessá-las, experimentando a potência dos próprios braços. No balanço, sente-se livre. Mas o brinquedo favorito é o mesmo do pai: Michel tem dois skates. Sentado sobre eles, cresce: embala-se com facilidade, ganha velocidade e arrisca manobras. É apaixonado pelo esporte, para alegria de Hebert.

A chegada do tutor, no início deste ano, mudou a rotina dos três. Michel ainda evita o aparelho que, quando retirado, deixa marcas sobre os joelhos e tornozelos, chegando a causar feridas. As tiras de velcro precisam estar bem presas para manter a coluna ereta. Duas vezes por semana, Michel frequenta a fisioterapia, uma hora cada sessão, para aprender a se equilibrar no tutor. Em casa, tem evitado ficar mais de 20 minutos. Reclama das dores.

– Criança não entende. Para ele está bom ser assim, mas a gente está pensando no futuro. Ele vai precisar muito para poder ser livre, para caminhar sozinho. Cada um tem o seu tempo, e ele vai entender – reforça Julia, enquanto aperta mais uma tira.

Para que o menino perceba a importância deste momento, os pais têm ido juntos às sessões de fisioterapia. A cada palavra de apoio, Michel sorri e dá mais um passo.

– Olhando ele, depois do acompanhamento na AACD, não dá para dizer do jeito que era. Agora, só o tempo dirá que tipo de evolução ele vai ter. Todo dia é uma nova vitória – sintetiza o pai.

Fisiatra da AACD, Thiago Farina pede cautela ao falar de casos como o de Michel. Por terem um defeito congênito incurável, pacientes com mielomeningocele apresentam alterações significativas nos nervos motores, sensitivos e do sistema nervoso autônomo. Não há, por exemplo, sensibilidade na planta dos pés. O quadro clínico é variado. Enquanto 70% dos pacientes passam a vida inteira em cadeira de rodas, 30% adquirem movimentos necessários para a marcha ou até para caminhar com andador. Alguns conseguem, inclusive, caminhar sem andador na fase adulta.

– É uma minoria – ressalta o médico. – Depende da força muscular, da força nos braços e do equilíbrio de tronco. Michel ainda está no início de uma longa jornada. É cedo demais para saber até onde ele irá – diz Farina.

Vêm do coordenador da oficina da AACD, Juliano do Nascimento, as palavras de esperança nas quais os pais de Michel se amparam:

– A gente nota que a força de vontade de pessoas que têm uma deficiência física é muito maior do que a nossa, que não temos deficiência física. Quem já caminhava quer voltar a caminhar. Quem nunca andou quer sentir este gosto. Estamos aqui para ajudá-las a preencher o que falta na vida delas, dar uma nova vida.

Nos seus cinco anos, Michel sofreu nove cirurgias corretivas na coluna, nos pés, no quadril, no cérebro. O sorriso permaneceu. A família sabe que outras operações deverão ocorrer. Apesar de ainda não entender o que é estar de pé, o menino sabe que fica mais alto quando está com o tutor. E é assim que ele se enxerga quando questionado sobre o que quer ser quando se tornar um adulto:

– Eu quero crescer até lá o céu.

Conheça a AACD

- Na AACD Porto Alegre, são oferecidos atendimentos em três áreas médicas: fisioterapia, ortopedia e neuropediatria.
- As especialidades terapêuticas são sete: fisioterapia de solo e aquática, pedagogia, terapia ocupacional, musicoterapia, fonoaudiologia, psicologia, reabilitação virtual.
- A associação conta com a oficina ortopédica, produzindo órteses e próteses.
- Pode-se ingressar na AACD pelo SUS, por meio de encaminhamento das secretarias municipais de saúde, e via atendimento particular, quando o agendamento é feito diretamente na instituição.
- No Brasil, são 12 Centros de Reabilitação e 6 oficinas ortopédicas.
- Pelo SUS: para quem mora em Porto Alegre, o responsável deve apresentar no posto de saúde mais próximo de casa um laudo médico com diagnóstico e CID, solicitando reabilitação física na AACD. Aos residentes em outros municípios, o laudo médico deve ser apresentado na Secretaria Municipal de Saúde.
- Por convênio Saúde Caixa: ligue para (51) 3382-2239 ou envie e-mail: aacdrs@aacd.org.br.
- Particular: agende atendimento pelos telefones (51) 3382-2239 e 3382-2207.
- Para ser um voluntário da AACD Porto Alegre, entre em contato pelo telefone (51) 3382-2218 ou envie e-mail: rsvoluntariado@aacd.org.br.
- Para se tornar um mantenedor da AACD/RS, é preciso doar R\$ 10 mensais. Envie nome e telefone para recursosrs@aacd.org.br, e a AACD entrará em contato.

O Brasil investe em educação, mas investe mal

Um administrador de empresas, com 30 dos seus 50 anos dedicados à política, ex-governador de Pernambuco e no terceiro mandato de deputado federal, comanda o orçamento bilionário e as políticas de um dos mais importantes ministérios da Esplanada: o da Educação.

José Mendonça Filho (DEM-PE), herdeiro do ex-deputado José Mendonça Bezerra, está à frente de uma profunda e polêmica mudança no Ensino Médio. Foi ele quem insistiu junto ao presidente Michel Temer sobre a necessidade de lançar a medida provisória que acelerou um processo que há anos se arrastava no Congresso. O ministro acredita que as alterações, com a oferta de cinco ênfases na formação dos alunos, terão reflexos a partir de 2018.

– Vai depender da dinâmica de cada rede estadual – afirma, confiando na adesão dos professores.

Ex-líder do DEM na Câmara, Mendonça mantém o pugilismo político contra o PT. Na conversa de uma hora que teve com Zero Hora, na ampla sala de reuniões do oitavo andar do prédio do MEC, enfileirou críticas ao que classifica de “populismo” dos governos petistas. Agora ministro, ele tenta garantir que os programas da área possam se autossustentar.

Mendonça faz questão de dizer que, sem gestão, não adianta aumentar o orçamento da educação. Assim, o ministro trabalha na adaptação e na limitação de vagas de iniciativas lançadas pelo PT, que fizeram sucesso no passado, como Fies e Pronatec. Já o Ciência Sem Fronteira para alunos da graduação, outra bandeira da Era Dilma, ficará no passado.

Apesar dos planos de longo e médio prazo para o setor, Mendonça deve deixar o cargo em meados do ano que vem para concorrer nas eleições de 2018. Até lá, planeja concluir a reestruturação do MEC. A seguir, os principais trechos da entrevista.

Há poucos dias, o senhor anunciou que o Enem não trará mais rankings de escolas. Como será feita a avaliação?

O Enem nunca teve objetivo de avaliar escolas de nível médio. Você tinha, com a nota do Enem, uma vinculação do resultado ao desempenho da escola, o que tecnicamente é inadequado. No caso específico de um sistema de avaliação, o Ideb é o indicador adequado para as várias etapas da educação básica.

Por que acabar com os rankings de escolas?

Há um consenso entre vários estudiosos e pesquisadores de que o Enem, muitas vezes, era utilizado de forma manipulada para vender desempenho de escola e que, nem sempre, retratava a realidade. Selecionavam alunos de melhor desempenho que estivessem vinculados a uma mesma razão social e a um mesmo CNPJ, tudo isso com objetivo de utilizar uma nota “pública” para vender uma imagem de qualidade.

Vai funcionar o Enem em dois domingos?

Vai dar mais tranquilidade aos jovens que ficavam no limite da exaustão. Também agrega valor adicional em termos de qualidade. Quando você concentra em dois dias, não tem o mesmo cuidado na aplicação da prova e pode até aumentar o risco de vazamento e fraudes. Com dois domingos separados, a energia dedicada aos aspectos de segurança será muito maior. O custo seria um pouco maior, mas vamos compensar com outras economias. Por fim, atendemos um pleito antigo de sabatistas.

Haverá reforço na segurança para impedir os vazamentos que a Polícia Federal identificou no ano passado?

A briga para combater as fraudes está presente. Colaboramos com a Polícia Federal. Boa parte das ações deflagradas em 2016 foi motivada por planejamento antecipado, com identificação de suspeitos que se habitam a fazer o Enem com notas elevadas, e que podem ser pilotos, como se diz na linguagem dos concursos. Por fim, agregaremos ao exame de 2017 a prova identificada nominalmente por candidato. Se alguém disponibilizar a sua prova, a rastreabilidade ficará muito mais fácil.

Como adaptar o Enem ao novo Ensino Médio, dividido em ênfases?

A conexão será mais forte a partir de 2018, já que até o final do ano vamos definir a base nacional curricular do Ensino Médio.

O Enem pode ter provas separadas por ênfases?

Você pode ter ênfases em outras áreas de conhecimento, ou pesos que possam ser agregados às questões que digam respeito às áreas às quais você entende que deve seguir na carreira profissional.

Como engajar os professores na reforma do Ensino Médio?

Primeiro, pelo diálogo. Muitas vezes, até o diálogo se coloca mais difícil, tendo em vista o momento político que o Brasil viveu, e a tentativa de cooptação por grupos mais sindicalizados, ideologizados. A grande maioria dos professores vai participar dessa transformação.

Quando o novo formato funcionará a pleno?

A velocidade de implantação levará em consideração o tamanho do Brasil, aliás, esse é um dos erros cometidos nas gestões do PT, imaginar o Brasil como um Estado unitário. Vai depender da dinâmica de cada rede estadual.

Haverá prejuízos aos alunos das escolas públicas, já que a lei não obriga as redes a oferecerem todos os cinco itinerários?

O maior ganho da reforma é para os estudantes mais pobres. Temos 8 milhões de jovens matriculados em escolas de nível médio no Brasil. Temos 2 milhões de jovens que deveriam estar em sala de aula. São jovens que nem trabalham e que, muitas vezes, são vítimas e protagonistas dos ambientes mais violentos do Brasil. O modelo antigo facilitava a evasão escolar.

A qualidade do ensino vai melhorar?

Todas as nações em desenvolvimento e desenvolvidas têm Ensino Médio flexível, com base comum e ao mesmo tempo oferta de itinerários alternativos. Para o estudante de uma escola privada, a mudança não vai significar tanto. A gente tem que pressupor que o princípio seguido até hoje foi o seguinte: todos os estudantes devem saber um pouco de muita coisa. O bom é que você saiba muito daquilo que é essencial para a sua vida e, que se aprofunde em termos de conhecimento em áreas que digam respeito ao seu projeto de vida.

Segue a polêmica das disciplinas que não serão obrigatórias no Ensino Médio?

Foi fruto da desinformação e até da manipulação de setores mais à esquerda e ideologizados que queriam levantar bandeiras.

O senhor apoia mudanças no cálculo de reajuste do piso dos professores?

Sou favorável a um piso que signifique remuneração minimamente decente para os professores, mas ao mesmo tempo eu tenho que levar em consideração que há de se ter compatibilidade também com as finanças estaduais. Não se pode vender ilusões.

Qual o futuro do Fies? Ele ficou pesado demais para o orçamento disponível?

O modelo do Fies era insustentável. Ele explodiu do ponto de vista de concessão de crédito em 2014, ano da eleição, e depois reduziu dramaticamente a oferta em 2015. Quando nós entramos aqui, em 2016, não tínhamos orçamento sequer para bancar o que foi anunciado em termos de ofertas de financiamentos. Um programa que varia de acordo com o calendário eleitoral não pode atender efetivamente aos interesses dos jovens.

Como será o Fies em 2017?

Preservamos o Fies, mas levando em consideração a sustentabilidade de médio e longo prazo. O rombo contratado é enorme. Já lançamos, neste ano, oferta de 150 mil vagas, o mesmo número de contratos celebrados em 2016. Lançaremos outra oferta no segundo semestre.

E o Pronatec, será extinto ou revisto?

O Pronatec é outro programa que viveu momentos de populismo. O Pronatec sequer tinha orçamento para a oferta de vagas ou a renovação dos contratos no início de 2016. A gente está estruturando o Pronatec, já com o novo Ensino Médio no chamado MedioTec. É a oportunidade para que estudantes da rede pública possam, à tarde, complementar a escolaridade com curso técnico.

E o Ciência Sem Fronteiras vai terminar?

O Ciência Sem Fronteiras na formação de mestres e doutores continua. Na modalidade intercâmbio de graduação, que na última leva do governo anterior envolveu 35 mil alunos, é inviável. Muitos jovens foram enviados ao Exterior e não sabiam a língua do país, fizeram cadeiras eletivas e, no retorno ao Brasil, elas não foram aproveitadas pelas universidades. O volume que atende aos 35 mil jovens custou R\$ 3,7 bilhões e equivale a tudo que se investe num ano para atender cerca de 40 milhões de alunos no programa nacional de alimentação escolar, a popular merenda escolar. Foi uma inversão total de prioridade, foi tirar dinheiro dos mais pobres para destinar aos mais ricos, um Robin Hood ao contrário.

Municípios gaúchos padecem com creches inacabadas de um programa federal. Existe saída para esse imbróglio?

Esse é um problema nacional, porque a presidente Dilma, durante a campanha, prometeu 6 mil creches. Poucas foram concluídas. Muito dinheiro foi repassado aos municípios, que ficaram com esqueletos de obras. A gente tem orientado o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) a buscar uma readequação.

Qual seria a readequação? Exigir que a empresa MVC termine as obras ou romper os contratos?

Não posso recomendar uma solução, porque depende do estágio de execução e das condições aceitas do ponto de vista jurídico e técnico. O foco principal é resgatar obras inacabadas. Não é uma coisa fácil. O FNDE tinha mais de 8 mil obras autorizadas quando assumi o ministério: muitas em ritmo lento e a grande maioria paralisadas. Era um total de R\$ 10,6 bilhões de contratos celebrados ou autorizados. Inclusive, interrompemos o programa de parcerias do governo federal com prefeituras e governos dos Estados, porque não fazia sentido abrir novas frentes de obras se, por ventura, você tinha um cemitério de obras pelo Brasil.

O problema na educação brasileira é falta de dinheiro ou falta de gestão?

Como ministro da Educação, sempre batalharei por mais recursos. Agora, se você fizer uma análise correta e técnica, verá que, dentre os países membros da OCDE, o Brasil é um dos que mais investe em educação em proporção ao PIB. A gente investe mais de 6%, mas investe mal.

O Brasil vai cumprir as metas do PNE ou será preciso revisá-las?

Assumimos o ministério com nenhuma das metas do Plano Nacional de Educação (PNE) alcançada, à exceção da meta sindical. Isso demonstra claramente a distância entre slogan e palavra de marketing como Pátria Educadora.

E a aplicação dos 10% do PIB em educação até 2024? O teto de gastos vai dificultar?

Tenho que zelar por cada centavo aplicado. A sociedade que é quem banca os investimentos, ela não quer ver desperdício. Quando você tem repetência na educação, quanto custa? Bilhões e bilhões de reais. Quanto custa você ter 2 milhões de jovens fora do Ensino Médio?

Atingir 10% do PIB até 2024 não significa educação de qualidade?

O que eu posso lhe dizer é que o Brasil cresceu quatro vezes o valor do orçamento do MEC em 12 anos. E a educação não saiu do lugar. Então, aumento de investimento não significa, necessariamente, melhora na qualidade da aplicação dos recursos.

Até o final do governo Temer, as avaliações da educação vão melhorar?

Espero que sim. Os indicadores do Ideb demonstram uma situação crítica da educação. O Ideb de Ensino Médio está estagnado desde 2011. O desempenho de português e matemática é pior do que há 20 anos. Por isso, mobilizei a reforma do Ensino Médio por medida provisória. Estou no ministério há 10 meses, não posso imaginar resultados imediatos. Quando sair do ministério, quero deixar as sementes para que outros ministros possam levar adiante uma política de longo prazo.

A discussão no financiamento da educação trata das universidades federais. Qual a sua opinião sobre cobrar mensalidade de quem pode pagar?

O Brasil, num momento político tão conturbado, não poderia discutir essa agenda. A gente tem de preservar os espaços e o acesso às universidades públicas, mas tem de colocar que a grande lacuna da educação no Brasil é a educação básica. Ocorreram inversões absurdas. Entre 2010 e 2016, o investimento na educação superior foi na ordem de R\$ 30 bilhões, e na educação básica foi de R\$ 10 bilhões. A diretriz do MEC na minha gestão, na gestão do governo Temer, será sempre preservar o acesso à universidade pública ou privada, mas garantindo prioridade absoluta à educação básica.

O senhor concorda com o projeto Escola sem Partido?

Respeito quem defende a ideia, mas acho que muitas vezes é algo inócuo. Como é que você vai simplesmente julgar ou definir quem pratica ideologia dentro da sala de aula? A melhor coisa é ter a responsabilidade social, envolvendo pais, comunidade e professores. Educação pressupõe pluralidade e diversidade. O aluno tem o direito de conhecer ideias socialistas e capitalistas.

No debate da reforma da Previdência, as universidades filantrópicas reclamam do risco da perda da isenção. O MEC apoia essa batalha?

Reconheço publicamente o papel das filantrópicas. No Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, as universidades e faculdades filantrópicas tiveram papel extraordinário e ainda têm na formação educacional.

A Lava-Jato embaralha a eleição de 2018?

Não sabemos o que vai ser da Lava-Jato em 2018, do ponto de vista do que vai sobrar dela e do resultado para aqueles que estão envolvidos ou não. O Brasil funciona atendendo aos pressupostos democráticos.

O governo vai até o final ou a Lava-Jato pode abreviá-lo?

Lógico que vai até o final. Não tenho dúvida disso.

E o futuro do DEM? Terá candidato à presidência?

O DEM foi sentenciado de morte pelo ex-presidente Lula e não morreu. Foi o partido mais vigoroso na oposição e, com todo o respeito ao PSDB, o primeiro a entrar no debate nacional sobre o impeachment, quando isso era uma hipótese remotíssima na cabeça de pouquíssimas pessoas. Hoje, estamos num processo de recuperação de espaço e de força.

O senhor tem opinião sobre financiamento público nas campanhas e eleição em lista fechada? A reforma política em discussão vai lhe afetar quando concorrer em 2018.

Sou defensor do sistema distrital misto e sou contra o sistema de lista fechada puro, e acho inadequado para ser aplicado no Brasil. Sou contra o financiamento público. Das 10 nações menos corruptas do mundo, sete, de acordo com a Transparência Internacional, adotam o financiamento privado. Se você instituir financiamento público no modelo atual, vai só estimular o caixa 2.